

PALLADINO; Thais Urbano<sup>1</sup>, BIEGELMEYER; Patrícia<sup>2</sup>

### RESUMO

A presença de pequenos roedores é crescente na rotina clínica do médico veterinário e, em consequência da relevante presença destes em pesquisas experimentais, há uma significativa quantidade de materiais disponíveis a respeito. Contudo, estudos anteriores indicam que a dor é subtratada nestas espécies. Com a finalidade de contribuir para o diagnóstico da dor e manejo analgésico destes animais, este trabalho objetivou expor os aspectos da analgesia em pequenos roedores a partir de uma revisão de literatura. As pesquisas foram fundamentadas em artigos científicos e livros de referência na medicina veterinária de animais exóticos e pequenos mamíferos. Um dos grandes obstáculos no estabelecimento de um protocolo adequado de analgesia em pequenos roedores é comumente associado ao próprio diagnóstico da dor. Não há um sistema de pontuação eficaz baseado em comportamento que possa ser aplicado de forma objetiva, tornando o conhecimento sobre os hábitos particulares relacionados à espécie, idade e ao gênero, bem como a compreensão da anatomia e fisiologia, essenciais para identificação de comportamentos anormais. O controle do peso corporal contribui na monitoração do manejo analgésico, pois a diminuição do consumo de água e alimento é frequentemente associada à dor. Outros sinais relatados são: letargia, piloereção, vocalização anormal, postura arqueada, mudança nos hábitos de higiene, reações de agressividade ou passividade e estase intestinal. Alterações fisiológicas como taquipneia e taquicardia devem ser avaliadas com cautela, pois fatores não dolorosos podem causar interferência nestes parâmetros. Em procedimentos cirúrgicos dolorosos a analgesia deve sempre ser considerada, e a utilização de uma abordagem multimodal no pré, trans e pós-operatório determina o controle eficiente da dor, bem como a redução do risco de toxicidade. Ademais, o estresse gerado no manejo analgésico inadequado interfere significativamente na resposta terapêutica. Os anti-inflamatórios não esteroidais (AINES) são os analgésicos mais utilizados na medicina veterinária e possuem eficácia comprovada na dor leve a moderada. Protocolos analgésicos de curta duração podem reduzir efeitos adversos como úlceras gastrointestinais, inibição da função plaquetária e alterações renais. Os AINES não proporcionam analgesia em procedimentos abdominais, sendo preconizada a utilização de analgésicos opioides. Os opioides apresentam-se em maior diversidade de potência e duração da analgesia, e são eficazes na dor moderada a grave, aguda ou crônica. As diferentes atuações nos receptores  $\mu$  (mi),  $\kappa$  (kappa) e  $\delta$  (delta) apresentam relevância no emprego de reversores para a redução dos efeitos adversos frequentemente observados, como: depressão respiratória e cardíaca, náuseas e diminuição da motilidade gastrointestinal. A identificação da sensibilidade dolorosa e a monitoração analgésica são considerados grandes desafios na clínica de pequenos roedores, ressaltando a importância da avaliação minuciosa e constante nestes animais. É fundamental que os profissionais busquem conhecimento sobre as espécies, a fim de identificar as alterações indicativas de dor. Além disso, é importante que novos estudos sejam realizados para quantificar e qualificar o manejo analgésico empregado nesses animais na rotina clínica veterinária atual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comportamento, Dor, Manejo

<sup>1</sup> Discente em Medicina Veterinária na Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), thaispalladino@gmail.com

<sup>2</sup> Docente na Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), patriciabiegel@gmail.com

